

O SANGUE ANIMAL

Por: Márcio do Xangô Airá

Babalorixá do Culto Omolokô

Publicado no Jornal JOCAB (Porto Alegre/RS) em meados de 1994

Dentre inúmeros temas polêmicos das religiões de origem africana, nenhum gera tanta controvérsia quanto a cerimônia de sacrifícios de animais. É bem verdade que um ritual que deveria ser restrito a umas poucas e reservadas ocasiões acabou se transformando numa constante de alguns terreiros, e é o que é pior: na maioria deles sem nenhum fundamento de caráter religioso. Nestes terreiros, a sagrada e secular cerimônia do sacrifício de animais acabou se transformando num importante aliado dos maus dirigentes de cultos que, abusando do impressionismo, vivem de iludir nossos irmãos (já perturbados por seus problemas), com “trabalhos” milagrosos que na verdade não passam de verdadeiros engodos.

Para os africanos existem três tipos de sangue: o sumo dos vegetais (sangue vegetal), a água dos minerais (sangue mineral) e a água dos animais (o sangue animal).

Estes sangues podem ser brancos ou vermelhos. Os sangues podem ser brancos ou vermelhos. Os sangues brancos, que são utilizados por todos os orixás fun-fun, são encontrados nos peixes, em vegetais e em alguns minerais branco-brilhantes.

Os sangues vermelhos estão na maioria dos animais e em alguns vegetais e minerais.

Os diversos tipos de sangue são essenciais na formação do AXÉ, que é uma força vital, em princípio básico, que, quando sabiamente manipulado, permite que as coisas aconteçam em virtude do seu poder reciclador. O AXÉ só pode ser preparado por pessoa feita na Lei do Santo, pois também ele, em algum momento de sua iniciação recebeu e aprendeu os fundamentos e os mistérios do AXÉ, que compreende a combinação perfeita das cores, a sincronicidade dos movimentos do corpo, os tipos e as quantidades de ingredientes utilizados, Dentre esses ingredientes, os sangues exercem uma importância muito grande pelo seu alto poder de concentração de energias.

Ao contrário do que muitas vezes é anunciado por alguns veículos de comunicação, nenhuma nação de culto africano se utiliza de sangue humano em suas cerimônias. Portanto, as barbáries que muitas vezes são vistas, são cometidas por loucos e fanáticos que, em cerimônias macabras e de bruxismo, tentam se passar por sacerdotes e recebedores de “entidades poderosas”, que na verdade são verdadeiros embusteiros.

A utilização do sangue vermelho de origem animal deve ser restrita a situações muito especiais, cujos fundamentos da Nação assim o exigirem. Nesta hora, de extrema necessidade para criação do AXÉ, a essencialidade não deve ser confundida com quantidade. Costumamos dizer que, quando bem feito, o AXÉ pode ter apenas uma gota de sangue de origem animal que será equivalente a todo o sangue de um elefante! A essência está em quem faz, e não na quantidade dos ingredientes de que é feito o AXÉ.

Hoje, muitos dos trabalhos que são feitos com sangue animal, sem qualquer risco de insucessos, podem ser perfeitamente elaborados com outros tipos de sangue. Para isto é necessário que o Babalorixá ou Ialorixá conheçam perfeitamente o tipo de energia que deseja manipular ou reciclar. É também importante expandir os seus conhecimentos sobre as similaridades das fontes de energia de modo (como é o certo) restringir a utilização do sangue animal a momentos de extrema necessidade e de grande fundamento. **NÃO SE DEVE USAR O SANGUE ANIMAL INDISCRIMINADAMENTE.**

Para nós, a utilização do sangue animal tem uma explicação e uma razão de ser. Consideramos o ar, a terra, o fogo e a água como sendo os elementos básicos da natureza. Da simbiose desses elementos surgiram os reinos mineral, vegetal e animal. De acordo com a finalidade do axé, precisamos utilizar componentes desses reinos, de modo a alcançarmos as energias de seus campos vibratórios. Os sangues são elementos que estão contidos nesse universo, portanto, como

os demais, passíveis de serem utilizados. Portanto, não devem ser encarados como únicos e principalmente o sangue animal.

Aliás, nesse caso específico do sangue animal, cuidado especial deve ser tomado quando de sua utilização. O executor do axé deve ter na consciência que para utilizar essa energia foi necessário o sacrifício de uma vida que, dentro do processo evolutivo, foi abruptamente interrompida sem que houvesse um encerramento normal do seu ciclo biológico e que sua utilização também não será feita para saciar uma outra necessidade biológica como a fome, por exemplo. Para que não haja interferência deste ato na realização e no objetivo do axé, é importante que sua utilidade seja essencialmente necessária e restrita a momentos considerados sagrados dentro do culto. Na dúvida, ou na falta de compreensão dos tipos de energias que estão sendo manipuladas, é melhor não usar o sangue animal, pois a energia reciclada quando mal preparada poderá retornar de forma tão violenta e de efeito tão contrário a quem a preparou que, dependendo do caso, poderá levar a males irreversíveis.

Para nós, o sangue vermelho de origem animal é mais um elemento, dentre muitos, que poderemos utilizar em nossos trabalhos. Desta forma, dado a complexidade de sua utilização, não devemos fazer dele uma regra mas sim uma exceção.

Distribuído pelo INSTITUTO CAMINHOS DO ORIENTE
www.institutocaminhosoriente.com